

Ética no desporto: um princípio sem fim

Rui Proença GARCIA

Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal

Propósito

A história da humanidade, mesmo da humanização, tem sido uma constante sucessão de desafios e de respostas, como a seu tempo muito bem denunciou Arnold Toynbee. Cada época coloca ao homem novos problemas aos quais têm que suceder réplicas inovadoras, gerando uma corrente evolutiva sem fim. As respostas de *ontem* não satisfazem os desafios de *hoje*, pelo que deixar, ainda que momentaneamente, de reflectir sobre o homem que *somos* é um erro crasso.

O nosso mundo é caracterizado pela constante busca de respostas através da tecnologia. Sonha-se com uma sociedade para a qual tudo poderá ser resolvido com a utilização de máquinas cada vez mais circunvizinhas à perfeição, isto é, com capacidades tendencialmente aproximadas às humanas, numa espiral sem fim. A este respeito, Edgar MORIN (2005), sempre esclarecedor, alerta-nos:

Após ter dominado a matéria e começado a dominar a vida, a ciência empreende dominar o seu senhor humano, colocando-se assim

O controlo da busca dos limites

Há muito que defendemos nos nossos escritos e em outras formas de intervenção que o autêntico espírito desportivo se traduz na expressão *luta pela vitória*. Da mesma maneira que entendemos que o desporto se traduz por um quase sem número de manifestações e por um elevado número de sentidos, também o conceito de vitória se anuncia através de inúmeras formas. O espectro da vitória vai desde ser o melhor do mundo até à vitória sobre o comodismo de nada se praticar. Em todo o percurso deste nosso conceito de [luta pela] vitória existem particularidades e invariáveis. Com efeito, a [luta pela] vitória por parte de um campeão olímpico tem uma relevância e um empenhamento diferentes relativamente àquela [luta pela] vitória por parte da pessoa que vai à academia da moda praticar uma qualquer actividade. Porém, há um aspecto comum, qual seja, a ética do esforço.

Michel SERRES (2004), pensador contemporâneo e membro da prestigiada Academia Francesa, não tem qualquer sombra de dúvidas que *não há nada mais perigoso que o repouso* (p.44). Mais, diz ainda, no que obtém a nossa total concordância, que *nunca nos teríamos tornado nos homens que somos sem o treino*, acrescentando de imediato que *é ele que abre o segredo da cultura* (p.48). Ainda bem que é um eminente filósofo a fazer tal

perante problemas antropológicos novos e fundamentais que, ao mesmo tempo, constituem gigantescos problemas éticos.

O mundo pós-humano, denominado por Dominique LECOURT (2003) como o humano pós-humano, é a tomada de consciência que a tecnologia, especialmente aquela relacionada com a informática, poderá substituir a curto prazo o próprio ser humano, como poderá ser verificado por um qualquer algoritmo sobre a sua evolução¹.

O desporto, como verdadeiro microcosmos do nosso tempo, também não está imune a estes avanços tecnológicos, pelo que se impõe uma observação atenta à sua evolução, analisando-se especialmente se a sua natureza não está a ser alterada. A transcendência por via do desporto é uma das mais importantes utopias realizáveis por parte do ser humano, mas que carece de um constante controlo.

Assim, é propósito deste brevíssimo ensaio analisar um dos aspectos relacionados com a colocação de limites ao homem quando busca pelos seus próprios limites, qual seja, a luta contra o *doping*.

defesa do treino, inclusive o desportivo. Mas Michel SERRES (2004), a nosso ver, é ainda mais enfático quando numa simplicidade exasperante para aqueles que vêem no desporto todos os males da sociedade, afiança que *ao treino «nada resiste»*. *Não posso; estou a treinar; acabo por poder. Não sei; estou a treinar, sei. Não compreendo; estou a treinar; compreendo* (p.44).

O autor, com estes simples exemplos, ilustra de forma exemplar que o treino é a via para o êxito, ou seja, o treino é caminho para a vitória.

É através desse meio, do treino, que se almeja o ganhar e não por outros caminhos que a moderna tecnologia proporciona. E os novos caminhos são muitos, apelativos e de difícil renúncia.

O desporto há muito que convocou a ciência e a tecnologia para o seu seio. Não é de agora esta relação mútua, como muito bem se poderá perceber através de simples exemplos. Entre outras áreas científicas, a biomecânica, a fisiologia e, mais recentemente, a informática estão no desporto, ajudando-o a resolver os seus problemas, projectando-o para outras dimensões. Os aparatos tecnológicos envolvidos são cada vez mais sofisticados, sendo difícil conceber hoje o desporto, mesmo aquele de grandes massas, sem determinados aparelhos, máquinas ou instrumentos. Cada vez mais nas convenções de

desporto² aparecem empresas a vender tecnologia sofisticada para a prática desportiva a preços relativamente baixos, o que significa que existem grandes produções, ou seja, um grande consumo destes bens utilitários.

Mas, como em tudo na vida, há sempre faces ocultas que não se querem desvelar. A tecnologia, para além de tudo aquilo que tem de positivo, por vezes coloca ao homem problemas éticos que depois não é capaz de resolver.

A biotecnologia, a engenharia genética, terapia genética, manipulação genética ou qualquer outra área de interface científica bem recente, permitiram que o ser humano tivesse acesso a dimensões da vida até aqui interditas. A própria criação deixou de ser algo para além da compreensão humana para se transformar num acto que pode ser mobilizado pela nossa vontade. Aquilo que apenas há alguns anos faria parte da ficção científica é hoje realidade. A clonagem, a replicação de células em laboratório e outras técnicas afins, fazem parte do nosso vocabulário diário, banalizando o acto mais transcendente, que é a própria criação da vida. Se antes criar era um desígnio divino e corrigir uma capacidade humana³, hoje parece que o homem também quer assumir o papel de criador de vida. A própria linguagem do nosso quotidiano poderá sofrer dentro de alguns anos, terrivelmente poucos, alterações sensíveis. Que significados terão no futuro da clonagem palavras como pai, mãe, irmão, avó, tio, primo? Deixarão de fazer sentido. Da mesma forma, pelo menos numa perspectiva catastrófica, a diversidade também sofrerá um rude golpe. Se agora cada um de nós expressa a união de duas outras pessoas, nesse futuro cada um poderá ser a continuidade de um outro.

Naturalmente que houve, e há, pessoas que poderão explorar o desporto para desenvolverem estas novas tecnologias, aplicando-as a desportistas, podendo criar autênticos atletas em laboratórios, quiçá o sonho do nazismo⁴

num claro “aperfeiçoamento da raça”^{5,6} sem violar uma única norma jurídica referente ao *doping*. Para Mirelle DELAMAS-MARTY (1999) a grande novidade da tecnologia recentemente desenvolvida é a de possibilitar a modificação da espécie humana sem atentar contra o direito à vida.

Creemos que ainda não há uma discussão profunda e fundamentada sobre esta possibilidade de construção laboratorial de atletas, hipótese esta inscrita nas preocupações de Delamas-Marty. Provavelmente é possível construir um super-atleta em laboratório sem contrariar o exposto na legislação sobre doping. Se a ciência permite estes avanços tecnológicos, caberá a alguém uma vigilância ética sobre o processo e sobre o produto resultante do génio humano.

DALAI-LAMA (2000, p.104) é muito feliz quando afirma que se o cientista vir que a investigação em que está envolvido é susceptível de prejudicar os outros, devido ao sentimento de responsabilidade, deverá desistir dela. É por esta razão que o juízo ético consubstanciado na questão “até onde é que posso, até onde é que nós podemos ir”⁷ é de extrema complexidade neste nosso mundo onde os avanços técnicos parecem resolver todos os sonhos mais ousados, convidando-nos a cometer todos os devaneios, num genuíno *eros científico* que nos poderá levar à incapacidade de domínio dos próprios produtos do génio humano, abrindo de par em par a *Caixa de Pandora* da nossa existência. A biotecnologia aplicada ao desporto poderá ser uma das chaves para abrir essa mítica caixa, com todos os riscos inerentes a essa decisão.

Entendemos que há valores humanos que são, têm que ser, indiscutíveis. A vida humana, desde o momento da sua criação até à dignidade da morte, é um deles. Se o chamado *doping genético*⁸ interfere seriamente com a vida, então deverá ser repudiado como se repudia qualquer produto farmacêutico que induz ao êxito sem o treino entevisto por Michel SERRES.

O estudo da ética no desporto... em andamento

Há muito tempo que o Gabinete de Sociologia do Desporto da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto convocou para a sua reflexão as questões da ética ou suas adjacentes. Fá-lo por acreditar que é necessário compreender os limites que se devem colocar ao desporto, melhor dizendo, à sua pessoa praticante. Nesta época em que se vive numa verdadeira ditadura do relativismo axiológico, importa mais do que nunca contemplar o desporto a partir de variados referenciais antropológicos, situando-se a ética num lugar cimeiro dessa contemplação.

Temos observado com muita frequência as questões relativas à violência associada ao desporto. Sem poder entrar em detalhes, verificámos que se confunde amiúde *violência do desporto* com *violência no desporto*. Raramente é o desporto o

gerador da violência, sendo apenas o cenário onde problemas de índole social se manifestam (MURAD, 2004).

É evidente que o uso de *doping*/drogas por parte do mundo associado ao desporto também está a merecer a nossa mais séria atenção, especialmente no que tange à atmosfera das academias que, como se sabe, não são passíveis de serem controladas (PATO, 2006).

Outro importante pólo de reflexão tem sido a pessoa com deficiência. Com efeito, raramente se observa a sua prática desportiva, seja lá em que cenário ou ambiente aconteça - clube, escola, alto rendimento, etc. - pelo olhar da ética, quer no que concerne ao próprio praticante ou à estrutura organizacional envolvente (GRAÇA, 2005; RIBEIRO, 2002; SILVA, 2005).

Nos últimos anos abrimos um novo rumo nas nossas pesquisas, tentando estabelecer Histórias de Vida - preferimos

designar esses estudos como Histórias das Vidas, dado que cada um de nós tem várias vidas que aqui ou ali se intersectam - de vultos do desporto. Para Protágoras, filósofo grego que viveu no século V a.C., não era através de um teorema de geometria ou de uma lei física que se ensinava o bem. Protágoras entendia que era com a identificação de um herói que se conseguia desenvolver no homem o conceito de virtude. Recentemente a comunidade científica reunida na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto validou uma dissertação de doutoramento sobre a vida de Mário Zagallo, tendo verificado que a ética também pode ser desenvolvida através deste importante meio (VALENTE, 2006).

Para além de trabalhos académicos, recentemente publicou-se um livro (GARCIA & LEMOS, 2005) que nada mais é do que uma chamada de atenção para alguns problemas do desporto, convocando para tal a ética, tentando observá-los através de um novo olhar. Aliás, foi para nós impossível não o ter referenciado neste trabalho, nomeadamente aquando da exposição do ponto 2.

Terminamos como começámos: se os problemas são novos as respostas também terão que ser novas. É por isso que a ética é um princípio que no desporto... não tem fim.

Notas

1. A este respeito ver GATES, B. **A estrada do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Ver também ROSNAY, J. Les matériaux intelligents. In: NICHAUD, Y. (Dir.). **Qu'est-ce que les technologies?** Paris: Éditions Odile Jacob, 2001. v.5, p.391-401.
2. Um exemplo possível entre tantos outros é o congresso anual de Educação Física organizado sob a égide da FIEP em Foz do Iguaçu.
3. Veja-se o Dr. Ivo Pitanguy, cujos actos médicos pretendem, entre outras coisas, corrigir aquilo que foi criado.
4. Provavelmente assistimos agora à reabilitação da ideia de super-homem proposta por Nietzsche e que, de forma inapropriada foi invocada pelo regime fascista alemão.
5. É evidente que a expressão supra está entre aspas, dado que entre nós só existe uma única raça, a humana. Se entre os homens e muitos animais as diferenças no ADN podem ser inferiores a um mísero 1%, entre cada homem as diferenças serão nulas, não sendo por isso legítimo falar em raças humanas, mas apenas em diversidade cultural.
6. Gilberto Freyre, nas suas obras magistrais que o imortalizaram, mostrou que este “aperfeiçoamento racial” não é de agora. A diferença situa-se na tecnologia ao dispor do homem e não apenas na cor da pele dos progenitores. Uns percebiam esse aperfeiçoamento pelo fenótipo. Agora tenta-se algo ao nível do genoma.
7. Encontramos uma excelente discussão sobre este juízo ético em RESWEBER, J.-P. **A filosofia dos valores**. Coimbra: Almedina, 2002. p.100-2.
8. Recentemente, Agosto de 2004, a revista *Scientific American* (versão brasileira), publicou um interessante artigo intitulado precisamente “Doping genético: pode mudar a natureza do desporto”, de autoria de H. Lee Sweeney.

Referências

- CACHADA, J.M. **Os factores de excelência no desporto de alto rendimento**: uma análise através da história de vida. Dissertação (Doutoramento) - Universidade do Porto, Porto. (em fase de conclusão).
- DALAI-LAMA, Sua Santidade . **Ética para um novo milénio**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.
- DELAMAS-MARTY, M. O direito é universalizável? In: CHANGEUX, J.-P. (Org.). **Uma mesma ética para todos?** Lisboa: Instituto Piaget, 1999. p.139-58.
- GARCIA, R.; LEMOS, K. **Temas (quase éticos) de desporto**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2005.
- GRAÇA, M.A. **O tempo livre na escola**: estudo centrado em duas crianças com deficiência da Escola Secundária com 3º Ciclo de Sabugal. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Porto, Porto, 2005.
- LECOURT, D. **Humano pós-humano**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- LIMA, F. **O uso de anabolizantes**: modificando o corpo: uma abordagem sócio-antropológica. Dissertação (Doutoramento) - Universidade do Porto, Porto. (em fase de conclusão).
- MORIN, E. **O método VI: ética**. Lisboa: Europa-América, 2005.
- MURAD, M. **Das relações, fronteiras e questionamentos entre violência e futebol**: fundamentos sociológicos, antropológicos e estudos de caso no Clube de Regatas Vasco da Gama (Rio de Janeiro-Brasil) e no Futebol Clube do Porto. 2004. Dissertação (Doutoramento) - Universidade do Porto, Porto, 2004.
- PATO, A. **La violencia en(de) el deporte: representaciones culturales**: un estudio a través de entrevistas a diferentes colectivos que forman el INEF-Galicia. 2006. Dissertação (Doutoramento) - A Coruña: INEF, 2006.
- RIBEIRO, M.G. **A comunidade de uma Escola Secundária perante a inclusão**: estudo de caso: uma aluna com paralisia cerebral. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Porto, Porto, 2002.

Encarte do XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física
dos países de língua portuguesa

SERRES, M. *Hominescência*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

SILVA, C. *O risco do desporto de alta competição na pessoa com deficiência*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Porto, Porto, 2005.

VALENTE, J. *Mario Jorge Lobo Zagallo: entre o sagrado e o profano: uma história de vida*. 2006. Dissertação (Doutoramento) - Universidade do Porto, Porto, 2006.